

**CONGREGAÇÃO SANTA DOROTÉIA DO BRASIL
FACULDADE FRASSINETI DO RECIFE
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ENSINO DAS ARTES: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DA FORMAÇÃO DO SUJEITO HUMANO?**

**RECIFE
2013**

LIVERTON ROBERTO DE FRANÇA

**ENSINO DAS ARTES: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DA FORMAÇÃO DO SUJEITO HUMANO?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Pedagogia da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE, como requisito para obtenção do título de graduação Pedagógica sob a orientação da Prof^a. Michelle Shalimar Gonçalves.

**RECIFE
2013**

Dedico este trabalho à todos que estiveram ao meu lado nesta parte de minha caminhada, e que mesmo sem saber, contribuíram para a realização do percurso mesmo que diante de dificuldades.

A beleza existe em tudo - tanto no bem como no mal. Mas somente os artistas e poetas sabem encontrá-la.

(Charles Chaplin)

Uma árvore em flor fica despida no outono. A beleza transforma-se em feiúra, a juventude em velhice e o erro em virtude. Nada fica sempre igual e nada existe realmente. Portanto, as aparências e o vazio existem simultaneamente.

(Dalai Lama)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
1.1 O CONCEITO DE ARTE.....	09
1.2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	11
1.3 O PERCURSO DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL.....	14
1.4. HUMANIZAÇÃO E CULTURA	16
1.5. ARTE E ÉTICA.....	14
1.6. ARTE E RELIGIÃO.....	15
2. A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA FORMAÇÃO HUMANA.....	17
2.1 ARTE E ESTÉTICA.....	21
2.2 ARTE E AFETIVIDADE.....	23
2.2.1 CONCEITO DE AFETIVIDADE.....	23
2.3. ARTE E CONHECIMENTO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

É inegável o valor fundamental da arte na vida dos seres humanos. E quem melhor que a arte educa para a sensibilidade, para a expressão humana?

A arte como instrumento educacional também não é novidade: entre os povos antigos do ocidente, coube aos gregos à valorização da arte na educação e a difusão do seu ensino entre os romanos. A educação sempre exerceu um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, sendo assim ela não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos técnicos, históricos, matemáticos, geográficos, entre muitos outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento intelectual, emocional/afetivo e cultural de cada indivíduo no sentido de que este possa incorporar valores como solidariedade, inquietude, desejo de mudança, sensibilidade, sentido de vida.

A partir de análise na literatura pesquisada percebemos as contribuições da arte no processo de humanização do indivíduo no que diz respeito às construções éticas, religiosas, sócio-afetivas e a estética, quando nos é sugerido a virtude humana como o nivelamento às aspirações do homem como ser ideal. Assim sendo, a educação é fundamental para a formação do ser humano no que diz respeito a aspectos sócio-culturais.

Este trabalho pretende lançar luz, ou trazer à tona fatores que foram colocados de lado, devido ao modelo atual de sociedade, fatores esses relativos à afetividade que podem ser desenvolvidos a partir de uma abordagem do currículo de artes e como a apropriação de princípios estético-éticos auxiliaria o ser humano no processo de entendimento do outro.

O homem, indivíduo, localiza-se por meio da arte, em relação aos outros homens, indivíduos, identificando os elos que os ligam desde a essência de sua humanidade. É também através dos afazeres artísticos de anônimos, populares, gente comum que a história da arte tem sido construída, formando a cultura humana.

A arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua condição de ser coletivo, agente cultural no mundo.

Contribuíram muito a esta percepção os olhares privilegiados de autores como: Andrade (1997), Bosi (2004), Chauí (2006), Coli (1995), Duarte júnior (1991), Marchionni(2010), Morin (2002), Olson & Torrance (2000), Suassuna (1979), Souza (1968), Vygotsky (1984), Wallon (1975), como também o que versa nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos fazendo perceber como é tão importante à formação do homem, a apropriação de elementos constitutivos de nossa sensibilidade, como parte do processo de autoconhecimento e de integração humanizadora em nossa sociedade.

No que diz respeito à metodologia escolhida, este trabalho trata de uma pesquisa bibliografia baseada em material já elaborado, sendo realizada leitura prévia dos conteúdos que envolvem o tema, como logo em seguida procuramos estabelecer relações, confrontar ideias, refutando ou confrontando opiniões, conforme Andrade (1997). Foi realizada a revisão da literatura onde foram sintetizadas as principais contribuições da arte no processo de formação do ser humano, dentro das delimitações permitidas no que envolve as obras pesquisadas. Por se tratar de um tema enraizado na essência do que constitui o ser humano, esperamos que este trabalho possa contribuir para a expansão de perspectivas do indivíduo, no intuito da plena aceitação de que o elemento emocional, a afetividade, é parte integrante da constituição do homem, sendo este um cidadão integrado e atuante em nossa sociedade.

1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - O CONCEITO DE ARTE

Sobre o conceito de arte, percebemos que se trata de um termo polissêmico. A linguística indo-europeia apurou que o termo alemão para Arte, kunst, partilha com o inglês know, como o latim cognosco e com o grego gignosco (= eu conheço) a raiz gno, que indica a ideia geral do saber, teórico ou prático.

A palavra latina, ars, matriz do português, Arte, esta na raiz do verbo articular, que denota a ação de fazer juntas partes e um todo.

Segundo Chauí (2006 p.275):

A palavra Arte vem do latim ars e correspondente ao termo grego techné, técnica, significando, o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras em vista da fabricação de alguma coisa.

Ars em sentido lato, segundo Silva e Montagner (2009 p.42) significa arte, ciência, teoria, Primor, habilidade, propriedade, qualidade, trabalho, tratado. É possível dizer que artes são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo. Porém, em nossa cultura existe uma noção que domina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.

Decidimos o que é Arte a partir de certos olhares de autoridades competentes, nos prendemos ao discurso que profere o crítico, o historiador de arte, o perito. Em dissonância a essas opiniões, percebemos que Arte pode ser entendida como todo elemento da construção humana ao qual está imbuído um quê de valoração emocional em sua confecção. Para que uma pintura, um poema, uma peça musical, fossem consideradas como artísticas, elas precisariam ter sido criadas para a percepção do outro e para algum modo de prazer. Deve haver paixão de alguma espécie, qualquer coisa exceto algo mecânico ou apatia. O trabalho artístico é um exemplo de ato de expressão e todo ato de expressão humana é movido por um impulso ou desejo que o leva

a comoção. Esse impulso cego é transformado pelo homem em finalidade. A intenção é o que transforma o objeto em arte. Chauí (2006, p.270), afirma que:

Merleau-ponty dizia que a arte é advento, um vir a ser do que nunca antes existiu -, como promessa infinita de acontecimentos - as obras dos artistas. [...] A quase eternidade da arte confunde-se com a quase eternidade da existência humana encarnada e por isso temos, no exercício de nosso corpo e de nossos sentidos, com que compreender nossa gesticulação cultural, que nos insere no tempo.

Quando nos reportamos às questões pertinentes ao desenvolvimento humano, percebemos que a arte aqui se traduz como uma intencionalidade.

A intencionalidade significa que toda a consciência é consciência de algo; ela não é apenas um espaço interior pleno de intuições e ideias. É orientada em todos os pontos para o mundo com o qual está em contato e isto significa o mundo físico e a sociedade humana. (OLSON 2000, p.65).

Sendo a intenção o propulsor da relação homem-sociedade, a Arte é uma atividade pertinente ao homem e as suas relações com o universo exterior a si, onde é essencial o conhecimento tanto desta exterioridade, como das técnicas que envolvem a atividade artística, em sua obra o homem imprime a expressão mais profunda da sua interioridade, de sua subjetividade.

As artes da Ciência, da política, da História, da Pintura, da poesia, tem o mesmo material, que é constituído pela interação da criatura viva com aquilo que o cerca. Elas diferem quanto aos meios pelos quais transmitem e expressam este material, mas não no material em si mesmo. O que distingue essencialmente a criação artística das outras formas de aquisição de conhecimento humano é a qualidade de comunicação entre os seres humanos que a obra de arte propicia, por uma utilização particular de linguagem, sendo um meio desimpedido de comunicação, sem barreiras ou abismos que outros símbolos ou instrumentos gerariam. A forma artística fala por si mesma, independe e vai além das intenções do artista.

No processo de conhecimento artístico, o canal privilegiado de compreensão é a qualidade da experiência sensível. Diante de uma obra de Arte, habilidades de percepção, intuição, imaginação e raciocínio atuam tanto no artista quanto no espectador, mediado pela percepção estética da obra de

Arte, percepção estética tal que é onde encontramos a chave da comunicação artística.

De acordo com a definição clássica, a Arte pode ser agrupada em 7 categorias, sendo elas: Música, Dança, Pintura, Escultura, Literatura, Teatro e Cinema. Mas, além destas, há um rol de outras atividades e práticas humanas que podem ser enquadradas como trabalho artístico, tais como: Arquitetura, Circo, Ópera, Desenho, Gravura, Colagem, Fotografia, Graffiti etc.

1.2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Desde o início da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O ser humano sempre organizou e classificou os fenômenos da natureza, os astros no céu, as relações sociais, para compreender seu lugar no mundo, buscando significado para a vida. Tanto a Ciência quanto a Arte, respondem a essa necessidade, mediante a construção do conhecimento. Chauí(2006) se refere ao poeta Ferreira Gullar no livro intitulado Sobre a Arte, quando ele fala:

A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. quer dizer: O artista cria um mundo outro - mais bonito ou mais intenso ou mais significativo, ou mais ordenado - por cima da realidade imediata [...] . Naturalmente, esse mundo outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo [...]

As duas primeiras manifestações culturais foram, historicamente, o trabalho e a religião. Ambos instituíram as primeiras formas de sociabilidade. As relações sociais, políticas, econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura. As belas artes, como nós as conhecemos, nascem a partir das artes mecânicas que gradativamente ornamentavam locais cerimoniais e templos no interior de cultos com fins religiosos. Ciências e Artes são, assim, produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana.

O homem que desenhou o bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo seu ofício. E da mesma maneira ensinou para alguém

o que aprendeu. Assim o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. Antes das produções escritas o homem já transmitia e perpetuava suas ideias traduzindo suas experiências de vida através da atividade criadora e por força da criação artística. A arte é o registro do desenvolvimento psíquico do homem, porque mais ainda diretamente que a linguagem escrita, a arte se relaciona com uma forma de civilização.

Embora o trabalho artístico seja tão antigo quanto à própria civilização, seu reconhecimento como fator de educação, é relativamente recente.

Platão talvez tenha sido o primeiro filósofo a preconizar um sistema de educação baseado na atividade artística. Sua tese constituiu, por muitos séculos, uma dessas “curiosidades” da história da filosofia, sem, no entanto, ter um emprego prático. Os estudiosos da matéria, contudo, jamais deixaram de reconhecer a beleza das conclusões do filósofo grego e a lógica que alicerçam seus preceitos. Ele não distinguia a arte da ciência nem da filosofia, uma vez que estas são atividades humanas ordenadas e regradas. Platão em sua tese afirmava que o indivíduo poderia e deveria ser educado através da arte, ele discutia sobre a construção de uma pedagogia política na qual as Artes só valem enquanto concorrem para formar as virtudes do cidadão, serenando lhes as paixões e elevando os sentimentos humanos para o *bem*.

Sua concepção pedagógica era de que a dança e música são disciplinas fundamentais na formação do corpo e da alma, isto é, do caráter da criança e dos adolescentes. Usando as Palavras de Ortega y Gasset, Suassuna (1996.p 41) nos fala que:

Platão via o mundo o universo como dividido em dois mundos, o mundo em ruínas e o mundo em formas. [...] Para Platão, dentro da sua grandiosa visão idealista de mundo e do homem, a beleza de um ser material qualquer depende da maior ou menor comunicação que tal ser possua com a beleza absoluta, que subsiste pura imutável e eterna, no mundo suprassensível das ideias.

A pedagogia artística se efetua sendo meio para a educação moral da sociedade, pela maneira como destrói a brutalidade da matéria, impondo-lhe pureza de forma, sugerindo uma catarse ao homem, educa a sociedade para passar do artístico à espiritualidade, passando-o assim do visível e natural,

para o absoluto da interioridade, da razão e da verdade. No século XVII Spinoza se referia a palavra razão como uma atitude em relação à vida na qual a mente humana unia as emoções às finalidades éticas, diferente de hoje que quase se trata de implicitar ao sujeito uma cisão da personalidade.

À medida que nos tornamos familiarizados com os códigos estéticos, nossa própria maneira de sentir vai se refinando, ou seja, tornando-nos progressivamente mais sensíveis às sutilezas de nossa vida interior, aos meandros do mundo de nossos sentimentos e esta é a razão da necessidade de uma educação estética no interior das escolas.

O indivíduo nasce com determinadas potencialidades de valor positivo para ele próprio e que seu destino adequado consistirá em desenvolver suas potencialidades, de valor positivo para ele próprio paralelamente com sua consciência social. Assim educado será aquele que realize plenamente sua individualidade, dentro da totalidade orgânica da sociedade, a que pertence.

Depois de Platão, foi Comênio o primeiro filósofo e educador a proclamar as vantagens pedagógicas da atividade artística, ainda que sob o caráter de jogos. A primeira tentativa realizada no sentido de conferir a criação artística feição de aprendizagem metódica e sistemática cabe, no entanto, a Pestalozzi, onde sua visão era oposta à natureza e a psicologia da criança. No final do século XIX e durante o século XX, a arte passa a ser percebida como forma de conhecimento técnico e expressão criadora, isto é como uma transfiguração do visível, do sonoro, do movimento, da linguagem, dos gestos em obras artísticas. As artes tornam-se trabalho de expressão e mostram que, desde que surgiram pela primeira vez, foram inseparáveis da ciência e da técnica. Assim por exemplo, a pintura e a arquitetura da renascença são incompreensíveis sem a matemática e a teoria da harmonia e das proporções, a pintura impressionista, incompreensível sem a física e a óptica. Desde em tão a atividade artística na escola passou a ser, assim, um processo ou conjunto de processos que permitem não só a avaliação do desenvolvimento mental do indivíduo como também estimula a sua capacidade criadora além de constituir-se num fator poderoso de disciplina, precisão e segurança para a inteligência.

1.3 O PERCURSO DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Em 1816, D. João VI trouxe a Missão Francesa com o intuito de formar uma Escola de Arte, que teve os seus trabalhos iniciados dez anos mais tarde, mas devido ao custo elevado, eram poucos que tinham a oportunidade de estudar Arte.

Entre 1890 e 1920 predominavam, aqui no Brasil, a cópia de quadros e o desenho geométrico. A partir de 1920, a Arte passa a ser incluída no currículo escolar como atividade integrativa, apoiando o aprendizado de outras disciplinas, porém, os exercícios de cópia são mantidos.

Em 1922, com a Semana de Arte Moderna, a Arte-Educação no Brasil teve um grande impulso, com as ideias de livre expressão, trazido por Mário de Andrade e Anita Malfatti que acreditavam que a Arte tinha como finalidade principal permitir que a criança expressasse seus sentimentos e também tinham a ideia de que ela não é ensinada, mas, expressada.

Em 1948, o artista plástico Augusto Rodrigues, após saber que uma mostra de arte infantil foi excluída por ter interferência adulta e alguns clichês, resolveu criar a Escolinha de Arte, onde era valorizada a capacidade criadora.

A partir dos anos 50, além de Desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar as matérias: Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais, que mantinham de alguma forma o caráter e a metodologia do ensino artístico anterior. O ensino e a aprendizagem estavam concentrados na transmissão de conteúdos a serem reproduzidos, não se preocupando com a realidade social e nem com as diferenças individuais dos alunos, ou seja, a chamada Pedagogia Tradicional.

O Brasil ainda passou nas décadas de 50, 60 e início da década de 70, pela fase da Pedagogia Nova, que tinha como ênfase a livre expressão e a espontaneidade e pela Pedagogia Tecnicista, onde o aluno e o professor tinham um papel secundário, tendo como elemento principal, o sistema técnico de organização. Neste período, nas aulas de Arte, os professores enfatizavam um saber construído reduzido dos aspectos técnicos e do uso diversificado de materiais, caracterizando pouco compromisso com o conhecimento da linguagem artística.

Em 1971, iniciou-se uma Pedagogia Libertadora, graças aos ideais do grande educador Paulo Freire, que era voltada para uma perspectiva de consciência crítica da sociedade.

A Arte foi incluída no currículo escolar, desde 1971, com o nome de Educação Artística, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda como "atividade educativa" e não como disciplina, sofrendo em 1988, a ameaça de ser excluída do currículo, a partir das discussões sobre a Nova Lei de Diretrizes e Bases.

A partir dos anos 80, passam a discutir novas técnicas educacionais, o ensino da Arte deve seguir o que ela chama de Metodologia Triangular que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico, ou seja, a pessoa que aprende Arte deve saber, não apenas fazer algo, mas, também saber de onde veio aquilo que ela está fazendo, o que levou aquelas pessoas a fazerem aquela obra, para assim, fazerem à leitura da obra, podendo perceber a mensagem o que o artista quis passar através da sua obra. Além disso, ao criarem suas obras artísticas, poderão criar algo que transmita uma mensagem, dando sentido à Arte. Isso não significa que a técnica deva ser deixada de lado, é importante que o aprendiz venha a conhecê-las para aprimorar cada dia mais o seu trabalho, mas, a técnica sozinha, não dá sentido à obra. Até o surgimento da nova LDB e dos novos PCN's, prevalecia o ensino das Artes Plásticas.

Com a LDB de 1996 (lei no. 9.394/96), revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada disciplina obrigatória na educação básica conforme o seu artigo 26, parágrafo 2º que diz que o ensino de arte constituiria componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, visando o desenvolvimento cultural dos alunos.

Atualmente o ensino de Arte está voltado para as linguagens de Música, Dança, Teatro (Artes Cênicas) e Artes Plásticas. Em 2008, com a aprovação da Lei Federal nº 11.769, o ensino de música passou a ser obrigatório, devendo ser ministrado por professor com licenciatura plena em Música, tendo os sistemas de ensino, três anos para se adequarem às mudanças.

1.4 HUMANIZAÇÃO E CULTURA

O ser humano para ser de fato constituído, saindo assim de sua forma embrionária, deve ter acesso ao que constitui a subjetividade de sua espécie.

As obras realizadas pelo homem trazem em si cargas de subjetividade, afetividade, e prazeres que o fator tempo não foi capaz de desconstituir, formando assim o elemento histórico chave de nossa cultura. Os objetos e expressões artísticas, além de uma história, carregam valores que formam o emaranhado de nossa sociedade, e entrelaçado a eles está embutido o fio que chamamos sensibilidade, que nos transporta meio a cultura, a cada nova geração e nos permite visitar outras, que em muitas vidas não conseguiríamos.

Segundo Morin (2002), o elemento de formação do ser humano como é ou como deveria ser, está intrinsecamente e amplamente baseado na cultura. Ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo, no que diz respeito a cada um em si trazer toda humanidade e carregar a sua individualidade. Humanizar-se é um aprendizado, e sem os elementos da construção de nossa identidade que chamamos de artístico, o ser humano seria embrutecido, e é contra este endurecimento do homem que devemos nos opor, por que o perceptível, o sensível, o sentimento, o sonho, são elementos indissolúveis do que é a condição humana. Charlot (2000, p.51) ao tratar de questões pertinentes a condição humana e a educação afirma:

O homem é a única criatura que precisa ser educada [...]. Por ser dotado de instinto, um animal, ao nascer, já é tudo que pode ser; porém, o homem deve servir-se de sua própria razão. Não tem instinto e deve determinar ele próprio o plano de sua conduta.

Por sua condição, o homem é ausente de si mesmo. Carrega essa ausência em si, sob a forma de desejo. Um desejo que sempre é no fundo desejo de si, desse ser que lhe falta, um desejo impossível de saciar, pois saciá-lo aniquilaria o homem enquanto homem. O homem não é, deve tornar-se o que deve ser. Para isso deve ser educado, primeiro por seus pais, depois por seus mestres, depois por si mesmo. Para humanizar-se é preciso então perceber o seu próprio mundo, sentir sua realidade e olhar além, identificando as possibilidades e compreendendo as transformações que ocorrem e poderão

ocorrer. E para alcançar essa percepção, o caminho inicial é conhecer-se a si mesmo, buscar sua identidade. A educação é essa apropriação sempre parcial, de uma essência aparentemente exterior ao homem. Ela é essa busca incansável das virtudes inscritas no coração humano, latentes, mas ainda submersas na subjetividade. Essas virtudes devem ser exteriorizadas para que exista eficácia na convivência social entre os homens. As ferramentas que possuímos para produzir esta maiêutica são: a Filosofia, as Ciências e as Artes, no que concerne uma instituição chamada escola.

Para Vygotsky (1984) a atividade humana caracterizada pelas funções superiores compõe-se de um processo interligado da memória, da percepção e da imaginação, as quais, complexamente elaboradas, desenvolvem, por meio de imagens mentais, o processo de criação se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural possibilitando a criação artística, científica e técnica.

O universo da arte, e sua capacidade de mobilização dos valores estéticos, impulsionam ao exercício de perceber, imaginar e criar, utilizando-se de recursos e referências, muitas vezes não-verbais, que favorecem o diálogo interno do aluno com sua própria produção.

1.5 - ARTE E ÉTICA

Etimologicamente, como é citado em Marchionni (2010 p. 29):

Ética, do grego éthos,, significa costume, hábito adquirido com esforço repetitivo, um estilo de pensar e agir, um modo de habitar no mundo, já que a palavra também significa habitação, aconchego.

De sua influência temos então a palavra latina, mos, dos quais provém a palavra Moralis, que deu origem a palavra Moral em português que significa valores e virtudes, legado da tradição.

A Ética diz respeito a determinação do que é errado ou certo, mau ou bom, permitido ou proibido, de acordo com um conjunto de normas ou valores adquiridos historicamente pela sociedade. Ela é dependente de virtudes inerentes a natureza humana, que podem ser ensinadas ou adquiridas. O indivíduo que age eticamente, é aquele que é capaz de autocontrole, de governar a si mesmo. As virtudes são inatas a natureza humana porém, se

encontram adormecidas em cada uma das pessoas, e o papel da arte consiste exatamente em despertá-las.

A Ética é uma arte, chamamos de arte não apenas a pintura, a escultura, e a música, mas qualquer ato humano no qual reluz a sublimidade. A arte é genialidade criadora, síntese de razão-corpo-espírito, relâmpago divino, magia no estilo de pensar, falar, escrever, amar, trabalhar, educar, sorrir, semear, colher, vender, construir, inventar. Nenhuma ação humana existe, que não possa ser vivida com arte. Os estóicos gregos definiam a Ética como “a arte de viver”. (MARCIONNI, 2010, p.17)

A possibilidade de um indivíduo torna-se justo e virtuoso depende de um processo de transformação pelo qual deve passar. Assim, afasta-se das aparências, rompe-se com as cadeias de preconceitos e condicionamentos e adquire o verdadeiro conhecimento.

Os dotes naturais evidentemente não dependem apenas de nossa vontade consciente, quanto às palavras e à instrução, receamos que não sejam eficazes a todas as pessoas, a alma de quem aprende deve primeiro ser cultivada por hábitos que induzam quem aprende a gostar e a desgostar acertadamente. A arte nos permite o refinamento de nossos hábitos. Através da admiração, da percepção diante do belo, nos permitimos o processo de autotranscendência no intuito de nos humanizar.

1.6 ARTE E RELIGIÃO

Desde os primórdios da humanidade, a história da *Arte* está intimamente ligada às práticas religiosas. E, surpreendentemente essa união *Arte-Religião* pode ser vista até os dias de hoje em todas as culturas, por todo o mundo, passando pelas grandes crenças universais (Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, Budismo, etc.), como também por todos os rituais mágicos e cultos animistas e totêmicos das comunidades tradicionais e povos indígenas.

A Religião é o conjunto de crenças ligadas ao mundo metafísico, sobrenatural, divino e sagrado, bem como a soma dos rituais, práticas, ensinamentos, mandamentos e leis que estão embasadas nessas crenças.

Portanto, a *Arte Religiosa* é a manifestação humana por meio das diferentes formas artísticas que estão associadas às crenças, aos cultos

espirituais ou aos inúmeros rituais dedicados aos deuses, seres ou forças sobrenaturais. De modo geral, objetiva promover na pessoa ou grupo religioso sentimentos de contrição, piedade, fervor, reverência e envolvimento em cerimônias ou práticas religiosas.

No mundo ocidental, com a união do Império Romano ao Cristianismo a Arte esteve fortemente ligada à Religião até poucos séculos atrás. Durante toda a Idade Média, a Arte Religiosa tinha o valor de ensinamento e de exaltação dos sentimentos religiosos da Cristandade. Após o período do Renascimento, com todas as mudanças ocorridas nas Ciências e com o surgimento do Estado laico, a Arte desvincilhou-se das Igrejas Cristãs, surgindo daí manifestações artísticas desassociadas da crença.

Hoje, é de consenso geral no meio artístico que a Arte, em todas as suas distintas áreas, possui uma produção totalmente independente do mundo religioso. Mas, mesmo assim, em muitas localidades, especialmente em pequenas cidades e em países pouco industrializados, existem poucos espaços para a promoção da Arte, sendo que em muitos casos os artistas só encontram espaço para mostrar e aprimorar seus talentos artísticos nas Escolas e nas Igrejas.

Hoje, parte de toda essa produção artística está preservada em museus e instituições de pesquisa de várias partes do mundo. Vale lembrar que a sacralização da Arte Cristã chegou a seu apogeu no período Barroco, época de exaltação religiosa no Catolicismo europeu. Ressalto ainda que a espiritualidade artística estendeu-se também às diversas colônias europeias, como se pode apreciar nas catedrais barrocas. Essas últimas foram agraciadas nos séculos XVIII e XIX com o trabalho de artistas como o escultor e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Não poderia deixar de mencionar as cenas da vida de São Francisco, que foram pintadas em meados do século passado por Portinari na pequenina e admirável igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Relembro ainda que tais manifestações artísticas não são reconhecidas pelos segmentos cristãos protestantes.

A Arte como qualquer outra manifestação cultural humana pode ser considerada uma dádiva divina, e pode ser utilizada para união de pessoas e grupos, reafirmando valores, estabelecendo laços e concordância.

Em algumas sociedades, as pessoas consideram que a Arte pertence à pessoa que a criou, mas geralmente entre os judeus, cristãos e muçulmanos o artista é tido como uma pessoa especial que usa seu talento ou dom artístico na produção e criação das diferentes obras de Arte Religiosa. Assim, enxergam que esse talento é um dom individual que deve servir a coletividade, levando seu grupo a ter comunhão com o sagrado.

A Arte independente de ser “Religiosa” ou “Secular” possui por si só um valor inestimável; tem sempre uma função transcendente. É incrível como poucos rabiscos num papel, pequenas cifras ou simples versos são capazes de reunir uma gama enorme de ideias e conceitos, e de um jeito único podem tocar profundamente qualquer pessoa, independente de classe social, status econômico ou formação acadêmica.

A Arte é capaz de mexer conosco de uma forma incrível, pois somos capazes de usar esses dons divinos para criar coisas e expressar os mais diversos estados de consciência, abrangendo percepção, emoção e razão, levando-nos assim a construção do conhecimento ao qual está baseado a nossa cultura.

Produzir Arte é algo que nos torna diferentes de todos os demais seres à nossa volta e é algo que nos liga a um mundo além daquele que conseguimos tocar e sentir por meio dos cinco sentidos. Por meio da Arte viajamos por outros mundos, por lugares distantes e maravilhosos. A arte deve ser valorizada e incentivada em nossa comunidade, não só com fins imediatistas e pragmáticos, pois ela deve servir para um fim maior.

2. A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA FORMAÇÃO HUMANA

2.1 ARTE E ESTÉTICA

Estética é a tradução para a palavra grega *aesthesis*, que significa: conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade como vemos em Chauí(1999, p. 321).

. É desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normal completa, onde ocorra percepção, apreciação e prazer, não apenas o ato de executar ou fazer. Estética é uma espécie de reformulação da filosofia inteira em relação à beleza e a Arte. A verdadeira obra de Arte é o resultado do que se faz com a experiência e na experiência.

Numa experiência estética é que nossos sentimentos são tocados, são despertados pelas formas do objeto e então vibram dando a conhecer a nós mesmos. Conhecer algo que acontece na experiência é perceber que ideias são ordenadas e significados são formados dentro do grande sistema que liga os seres humanos a seu ambiente. Fazer novas conexões, novos padrões na experiência, e um modo de criar significados e cada experiência na aprendizagem amplia as condições para a aprendizagem subsequente. Ao revelar - nos o mundo por meio de seu próprio mundo, o artista nos mostra nós mesmos, então buscamos substituir nossos sentimentos e tentamos fazê-lo através de formas perceptivas que são capazes de vibrar outros aspectos de nosso sentir.

A admiração é o portal para a motivação e para a curiosidade. Por isso, não apenas a arte faz explodir toda intenção redutora, normalizadora ou explicativa, como também se dá como específica, forma e conhecimento, bem diversos dos processos racionais. A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de aprendizagem. Aprendizagem é transmutar parte do material bruto da experiência em novos objetos de acordo com a finalidade. O que a arte faz parece-nos muito similar, senão idêntico, não no processo mecânico de transmutação em si, mas na forma como a Arte transforma a matéria bruta no belo.

Esse novo elemento inserido no mundo teria então a sua finalidade em ser pura contemplação se ai estiver a intencionalidade da peça, ou para fins

mais profundos e reflexivos, se assim a interiorização do artista nos permitir uma nova contemplação dos elementos do mundo que nos cerca.

A arte é hoje indispensável para a descoberta científica, e será cada vez mais indispensável para a ciência, visto que o sujeito, suas qualidades, suas estratégias, terão nela um papel cada vez maior, cada vez mais reconhecido (MORIN, 2002, N/I)

A Arte não é um elemento vital, mas um elemento da vida. Se a arte não é imediatamente vital ela representa em nossa cultura um espaço único onde às emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e específico. Isso não significa que, em nossa relação com a Arte a razão deixe de intervir. A razão está presente na fabricação do objeto artístico, pois para tanto precisamos de uma organização material e de um aprendizado técnico impossível sem ela.

Dependemos também de um encadeamento lógico para ordenarmos nossas ideias quando queremos exprimir o resultado do nosso contato com a obra de arte. A razão está assim intrinsecamente presente no objeto artístico, mas a obra abrange elementos que escapam ao domínio do racional e sua comunicação conosco se faz por outros canais, os canais da emoção, do espanto, da intuição, das associações, das evocações, das seduções.

O universo é imerso em vida, vida inconsciente, pelo menos no que se trata a nossa compreensão sobre ele. Aparentemente tudo poderia estar adormecido, a um primeiro olhar desatento, ou tudo pareceria confuso, caótico, estranho, inesperado, com elementos que assombram toda mente ou todo pensamento científico quando fora do seu método regular. Temores inseridos no homem e em seus questionamentos em conhecer o mundo que o cerca, porém submerso no seu inconsciente, na sua subjetividade. Algumas vezes mesmo seguindo fielmente um método nos deparamos com o inextricável, bem, momentaneamente não temos respostas, porém, sentimos em profundidade seus significados, e de forma alguma não deixamos de aprender com eles. Ai estaria outro momento onde a arte nos auxilia como forma de conhecimento, no indizível, naquilo que ainda não podemos compreender, no imaginário.

A ciência necessita de ordem, da clarificação, da transparência. Mesmo escapando do domínio do racional, o processo artístico utiliza a lógica, e elementos de ordenação e classificação, exemplo esse é o que vemos na teoria das cores e nos estudos de luz e sombra, no que se assemelham dos estudos da óptica moderna, como se não fossem baseados neles. O que pretendemos aqui é verificar se o conhecimento artístico além das suas constatações racionais, lógicas, ainda possui características que auxiliariam o desenvolvimento e compreensão de elementos da subjetividade humana. Pensar é construir uma arquitetura das ideias, e não ter uma ideia fixa, a inspiração não nasce de uma ideia fixa, mas nasce de a ideia for poética.

Segundo Morin (2002), O conhecimento não se faz somente com a aquisição é o acúmulo de dados ou de informações. O Processo de obtenção se dá sim quando da sua organização e sistematização. Mesmo assim, às vezes, num primeiro momento a Arte pode nos parecer obediente e mensageira, mas logo percebemos que ela é, sobretudo, portadora de sinais, de marcas deixadas pelo não racional coletivo, social, histórico. Seu domínio é o do não racional, do indizível, da sensibilidade, domínio sem fronteiras, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria, apesar das suas familiaridades com os instrumentos da lógica, e necessidade de conhecimento técnico para sua perfeita execução.

Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. O objeto artístico traz em si, habitualmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para aprender o mundo que nos rodeia. Ao proporcionar em nós o sentimento, a admiração, a arte nos propicia a alegria da permissividade, da mente sempre aberta, do novo, do desconhecido, e este é o caminho para fomentar conhecimento.

2.2 - ARTE E AFETIVIDADE

2.2.1 - Conceito de Afetividade

A palavra afeto vem do latim *affectus* - afetar, tocar, como consta em Silva e Montagner (2009, P26), e constitui o elemento básico da afetividade. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria. Desta forma podemos identificar a afetividade como um instrumento psicológico da capacidade humana que se manifesta através das emoções ligadas à satisfação, a dor ou o prazer. A questão afetiva possibilita ao homem vivenciar impressões de alegria ou tristeza em suas experiências. As Artes possibilitam ao homem a transcender a si mesmo, no momento da admiração quando levado de súbito ao sentimento gerado pela união das expressões do artista com a sua própria impressão, sua própria leitura do objeto artístico.

Segundo Wallon (1975), a afetividade é o meio que o ser humano demonstra seus desejos e vontades e revelam traços de caráter e personalidades.

Em relação à afetividade Vygotsky (1989) ressalta que a pessoa deve ser vista como o conjunto entre cognição e afeto e que a aprendizagem está vinculada a estes aspectos.

A palavra mente, significa um desígnio, memória, atenção, finalidade, cuidado, intelecto, alma, espírito, disposição, imaginação, intuito. Podemos considerar mente como um estado da consciência ou subconsciência que possibilita a expressão da natureza humana e as funções superiores do cérebro relacionadas à cognição e comportamento, intrinsecamente ligado às qualidades mais inconsciente como a intuição, a inteligência, o sonho, o sentimento.

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: correspondente a primeira manifestação, pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história. Sendo assim o objeto artístico, sendo constituinte de grande parte dos

elementos que se atribuem a memória cultural de uma sociedade, é um dos principais artifícios para aquisição da afetividade humana, já que no peso cultural de cada objeto de arte admirado por uma cultura, existe ali, intrínsecos, todos elementos do que é a afetividade humana, pois a intencionalidade de sua construção em todos os pontos assim o necessitou.

A afetividade é necessária na formação de homens e mulheres felizes, éticos, seguros e capazes de conviver com o mundo ao seu redor. É coerente dizer que a afetividade auxilia no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, facilitando a aprendizagem por oferecer segurança e principalmente bem estar, no entanto a ausência do afeto pode desencadear em alguns indivíduos comportamentos agressivos. É a afetividade a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional.

Na visão de Vygotsky (1984), o desenvolvimento da pessoa se dá por um processo simples de constituição e de vinculação reflexa ou associativa pelo cérebro humano, que é um desenvolvimento social.

Vygotsky fala sobre as relações sociais, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, visto que é por meio da interação social é que aprendemos uma relação de afetividade, principalmente na infância.

O desenvolvimento afetivo é responsável pela dinamização da atividade mental e pela seleção dos eventos sobre o qual agir, valores, sentimentos e interesses, este ocorre de modo semelhante ao desenvolvimento cognitivo.

Segundo Wallon (1975), muito cedo na vida as crianças se estabelecem vínculos afetivos que são tão importantes para sua sobrevivência quanto a nutrição. As primeiras afinidades da criança com o meio já são relações humanas de afeto, estas relações estabelecem compreensão e participação nas situações onde a criança se encontra ou poderiam estar envolvidas de forma direta ou indiretamente.

A afetividade é a mistura de todos os sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções, é o que vai proporcionar ao indivíduo uma vida emocional equilibrada.

Sentimento é sempre a primeira impressão que temos das coisas, é uma apreensão direta do mundo e de nós mesmo, ainda não interpretado pelos símbolos, pela linguagem, como é citado na obra de Duarte Junior (1991, p.22):

Sentimentos são evidências estruturadas da realidade, são apreensões diretas da situação na qual encontramos anteriores as significações linguísticas e simbólicas que fracionam tal situação em conceito e os relacionam entre si. Não há compreensão apenas racional, pura, objetiva. O conhecimento nasce de uma articulação entre os significados sentidos e os simbolizados. Cada palavra, cada frase, cada expressão, carrega em si além do seu significado simbólico, racional, toda uma carga de sentimento de emoção mesmo.

Então somos levados à compreender a sensibilidade em interligar os pontos que supostamente afastariam a percepção do senso comum, ou até mesmo do universo acadêmico, em considerar a arte como forma de aquisição de conhecimento. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade. A arte não isola, um a um, os elementos da casualidade, ela nos explica, ela tem o poder de nos fazer sentir. Isso, evidentemente, não quer dizer que a arte substitui a casualidade científica, nem que ela se encontra em oposição à ciência. Nem explica de outro modo, nem anula a explicação científica. A arte nos mostra aquilo que não pode ser dito, que é inefável.

Defendemos então, que o Conhecimento do mundo pode ser gerado a partir de nossa percepção de mundo, e ainda somos instigados a mergulhar nesse mundo de admirações, quando Chauí (2001, p. 316) nos sugere que nas artes, existem elementos constituintes da Verdade, que forma o Conhecimento puro, a arte está diretamente subordinada àquilo que entendemos como valor, ela busca caminhos de acesso ao real quando nos diz:

A obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ou dito, sentido ou pensado. A experiência de nascer todo dia para a eterna novidade do mundo. O artista busca o mundo em estado nascente, tal como seria não só ao ser visto por nós pela primeira vez, mas tal como teria sido no momento originário da criação. Mas simultaneamente, busca o mundo em sua perenidade e permanência.

Bernard Charlot (2000, p.78), por exemplo, tinha plena consciência de que o homem constrói o mundo a partir do seu olhar, de suas percepções quando afirma:

A relação como o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação como o mundo como conjunto de significados, mas também, como espaço de atividades, e se inscreve no tempo. O mundo é dado ao homem somente através do que ele percebe, imagina, pensa desse mundo, através do que ele deseja, do que ele sente.

O universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo. Sabemos que todo ato criador tem em sua gênese, uma determinada consciência de mundo, que de modo consciente ou inconsciente, interfere no ato de criação. A consciência se descobre como relação entre um objeto e um sujeito claramente distintos um do outro (tudo que não seja o próprio eu), opostos um ao outro e, ao mesmo tempo unidos um ao outro, e desta consciência resulta o Conhecimento.

2.3 ARTE E CONHECIMENTO

A manifestação artística tem em comum o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios dele emanam num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é realidade percebida de outro ponto de vista. O espírito humano cria continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas.

Como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o conhecimento em artes é essencial para formação do ser humano, pois o acesso a arte inclui o indivíduo em todo o processo histórico-social, que constitui a sua identificação com o mundo que o cerca e sua identidade como ser pensante e autônomo.

[...] O conhecimento da arte abrange perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente. A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender [...] O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 2000 pp.20-21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão afetiva do ser humano é o que o capacita para perceber as circunstâncias e os fatos do mundo. Somos desde o nascimento, criaturas que constroem relacionamentos interpessoais. As artes permitem ao ser humano a apropriação do conhecimento humano de uma forma singular, direcionando a formação do homem para virtudes que sendo alcançadas, instituem uma humanidade refinada, ética e democrática. A admiração humana diante do novo é princípio fundamental para aguçar a curiosidade, e realizar o aprofundamento científico.

Arte é um importante trabalho educativo, pois procura, através das tendências individuais, estimula a inteligência e contribui para a formação da personalidade do indivíduo. No seu trabalho criador, os indivíduos utilizam e aperfeiçoam processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio, o controle gestual, capacidade psíquica que influem na aprendizagem. No processo de criação ele pesquisa a própria emoção, liberta-se da tensão, ajusta-se, organiza pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho.

Devemos cada vez mais ter a convicção de que a constituição do ser humano, no que diz respeito a sua psique e cognição, não podem ser condicionadas pelos processos individualizantes ao qual foram direcionados os pilares de nossa sociedade. Hoje percebemos cada vez mais que muitas das mazelas sociais, são geradas pelo individualismo, a impessoalidade e a falta de direcionamento ao bom e ao belo, são geradas pela falta das conexões que muitas vezes de forma simples a arte cria no coração humano.

Conhecer não basta no que se diz respeito ao conhecimento científico, nem sempre a razão garante a prática, e apenas conhecer a virtude não nos leva a sermos bons, porque o homem possui a capacidade de distinguir o bem do mal e possui também a faculdade de não levar isso em conta. Porém temos a convicção de que nutrindo a alma humana com princípios éticos, virtudes, beleza, através de elementos que já estão inseridos dentro de nossa própria cultura. Poderemos alavancar de uma forma motivacional, a construção de uma sociedade mais igualitária, mais justa, com uma moral social inscrita no

coração do homem, uma sociedade mais harmoniosa devido à benevolência de sua afetividade, e ai sim, uma sociedade verdadeiramente democrática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed.São Paulo: Atlas,1997.

BOSI, A. **Reflexões Sobre a Arte**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. MEC. **Secretaria da Educação: Parâmetros Curriculares Nacionais.Artes**. 2ªed. Rio de Janeiro. Editora DP&A. 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**.13ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Convite à Filosofia**. 11ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

COLI, J. **O Que é Arte**. Brasiliense.15ª Ed. São Paulo. SP. 2004

DUARTE J. J. **O Que é a Beleza: experiência estética**. 3ª ed. Editora brasiliense.1991

MARCHIONNI, A. **Ética: A arte do bom**. Petrópolis, RJ. 2ª ed. Editora Vozes, 2010.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo. 6ª Ed. Editora Cortez. 2002.

OLSON, D. R. **Educação e Desenvolvimento Humano**. Novos modelos de aprendizagem Editora ARTMED. Porto Alegre. RS.2000.

SILVA, Amós Coêlho da; MONTAGNER, Airton Ceolin. **Dicionário latino-português: etimologia, gramática, derivações, exemplos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SUASSUNA, A. **Iniciação à Estética**. Editora Universitária da UFPE. 4ª Ed.Recife.1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SOUZA, A. M. **Artes Plásticas na Escola**. Ed Bloch.Rio de Janeiro. 1968.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.